



EQUADOR

Reprodução



Criminoso aponta espingarda para apresentador da emissora TC Televisión, em Guayaquil...

Reprodução



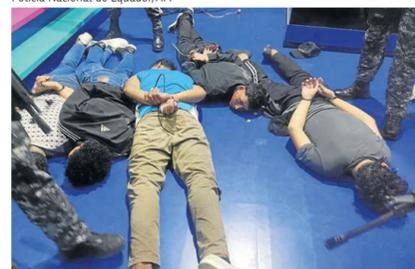
...e coloca uma banana de dinamite no bolso da camisa do jornalista, durante a transmissão ao vivo

Reprodução



Ao fundo, funcionários do canal de televisão são vistos rendidos, com a cabeça abaixada, no chão

Polícia Nacional do Equador/AFP



Suspeitos aparecem algemados dentro do estúdio: 13 presos acusados formalmente de terrorismo

Guerra total contra o narcotráfico

Presidente Daniel Noboa decreta conflito armado interno e mobiliza as Forças Armadas para "neutralizar" 22 grupos criminosos. Encapuzados invadem estúdio de televisão e fazem reféns. Violência se espalha pelo país, em estado de exceção

» RODRIGO CRAVEIRO

Os homens encapuzados invadiram o estúdio da emissora pública TC Televisión, em Guayaquil, por volta das 14h20 (16h20 em Brasília), durante o programa ao vivo *El noticiero*. Carregavam pistolas, uma espingarda, bananas de dinamite e granadas. "Querem matar todos nós. Ajudem-nos, por favor", escreveram jornalistas em mensagens enviadas para a polícia. A transmissão não foi interrompida. Ao fundo, era possível escutar tiros, detonações e gritos. Um dos marginais chegou a colocar uma dinamite no bolso da camisa do apresentador, que implorava por sua vida. Enquanto o drama se desenrolava no estúdio, em Quito, a 405km ao norte, o presidente equatoriano, Daniel Noboa, declarou guerra total às organizações do narcotráfico.

"Assinei o decreto executivo declarando **Conflito Armado Interno e identifiquei os seguintes grupos do crime organizado transnacional como organizações terroristas e atores não estatais beligerantes**", escreveu na rede social X (antigo Twitter), ao citar 22 grupos criminosos, entre eles os Águilas, Choneros, Lobos, Patrones, Los Tiburones e Tiguerones", anunciou. "Ordenei às Forças Armadas a executarem operações militares para neutralizarem esses grupos", acrescentou. Por volta das 17h50 (19h50 em Brasília), Noboa instalou oficialmente o Conselho de Segurança Pública do Equador (Cosepe) e avisou: "Não permitiremos que grupos terroristas perturbem a paz do país".

Horas depois, a polícia

Esforço contra a ameaça

O Conflito Armado Interno tem caráter multidimensional e polimétrico, com várias arestas. Trata-se de uma dinâmica que implica tentar manter a dinâmica legalista do Estado e criar políticas de segurança pública de Estado para confrontar, de maneira sistêmica e interagências, essa ameaça. Com a medida, o Estado se une para declarar estado de guerra e fazer uso total dos aparatos de força, com respaldo legal e sob a cobertura dos direitos humanos. A polícia e o Exército podem fazer uso de armas letais contra os grupos criminosos.

invadiu a emissora e prendeu 13 pessoas. Todas foram formalmente indiciadas pelo crime de terrorismo. "Como resultado da intervenção na TC Televisión, nossas unidades policiais até o momento conseguiram apreender vários indivíduos e indícios vinculados ao ilícito", anunciou a força de segurança, também por meio da rede social. O *Correio* entrou em contato com uma jornalista da emissora, mas ela declinou o pedido de entrevista. "Sinto. Não é o momento. Há muita comoção agora", justificou-se. Na segunda-feira, em resposta à fuga de Adolfo Macías "Fito" — chefe da quadrilha Los Choneros —, Noboa tinha decretado estado de exceção por 60 dias e impôs toque de recolher entre as 23h e as 5h. A medida também passou a vigorar dentro das penitenciárias.

Como reação ao estado de exceção, criminosos semearam o

Marcos Pin/AFP



Soldados patrulham o lado de fora da emissora TC Televisión: narcotraficantes espalham o caos pelo país

terror no Equador, que vive uma crise de segurança desde o assassinato do candidato a presidente Fernando Villavicencio, em 9 de agosto passado. Os marginais sequestraram sete policiais em Machala (sudeste), em Quito e em El Empalme (sul), explodiram um posto policial, incendiaram carros e detonaram um artefato diante da casa do presidente da Corte Nacional de Justiça, Iván Saquicela. Em penitenciárias de cinco cidades, detentos fizeram reféns 125 guardas carcerários e 14 funcionários. Na Universidade de Guayaquil, houve pânico e terror, depois que criminosos tentaram sequestrar estudantes. Alunos e professores ergueram barricadas dentro das salas de aula com cadeiras e mesas.

Advogado constitucionalista baseado em Quito, André Benavides afirmou ao *Correio* que a situação no Equador é "bastante crítica". "Vários grupos de delinquentes tomaram emissoras de televisão e terminais de ônibus. O presidente decretou o conflito armado interno, o que supõe o uso das Forças Armadas não apenas para efetuar as prisões desses grupos, mas para neutralizá-los", explicou, por telefone. "Estamos vivendo uma guerra interna com os delinquentes."

Zonas de governança

Com a experiência de quem trabalhou ao lado das forças policiais por duas décadas, a equatoriana María Fernanda Noboa

González — Ph.D. em estudos estratégicos e de segurança — entende que o caos teve início com a assinatura de um acordo de paz com a Colômbia e a legitimação das dissidências das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), a maior guerrilha da América Latina. Tal cenário, combinado aos efeitos da pandemia da covid-19, teria levado a uma profissionalização dos criminosos. "Eles começaram a estabelecer zonas de soberania e de governança, especialmente nas áreas próximas à costa e aos portos, entre elas Guayaquil, a província de Esmeraldas (norte) e alguns setores montanhosos, no leste", disse ao *Correio*.

De acordo com o jornalista Christian Zurita — amigo de

Eu acho...

Martin Bernetti/AFP



"O decreto de Noboa é uma reação aos atos de violência das últimas horas. Desde o assassinato de Fernando Villavicencio, estamos imersos nessa condição de brutalidade. O governo tentou ser prudente no manejo desse tema e buscou dar prioridade a assuntos econômicos. Será preciso dispor de muita força, trabalho, decisão e determinação para neutralizar esses grupos."

Christian Zurita, amigo de Fernando Villavicencio e testemunha da execução do candidato a presidente

Fernando Villavicencio e testemunha da execução do candidato a presidente, em 9 de agosto passado —, a invasão de criminosos à emissora TC Televisión teve o objetivo de semear terror. "Entrar em um canal de tevê com dinamites, disparar e deixar feridos é um fato para demonstrar que eles são os que detêm a capacidade de controlar o país", disse à reportagem. "O ataque à imprensa, em um horário de transmissão ao vivo, coloca a sociedade em uma condição por demais vulnerável e de terror."

Enquanto falava ao telefone, Zurita relatava que "incidentes extremamente violentos" ocorriam em boa parte do Equador. "Os eventos obedecem a uma resposta reativa da delinquência organizada. Na madrugada de hoje (ontem), criminosos roubaram e atearam fogo a carros."

DONALD TRUMP

Juízas mantêm ceticismo sobre imunidade

As três juízas da Corte de Apelações de Washington que examinam o pedido de imunidade penal do ex-presidente Donald Trump mostraram-se céticas, ontem, durante apresentação do réu, acusado de tentar alterar os resultados das eleições de 2020. Com seus pedidos, o grande favorito das primárias republicanas para as eleições presidenciais de novembro tenta adiar ao máximo seus processos penais, se possível, para depois das eleições, nas quais deverá ocorrer uma revanche entre ele e o presidente democrata, Joe Biden. A vista judicial ocorre em plena campanha eleitoral, a menos de uma semana do início das primárias republicanas em Iowa,

na próxima segunda-feira. Trump se apresentou à Corte, apesar de não ser obrigado a fazê-lo. O debate durou aproximadamente uma hora e terminou às 10h45 locais (12h45 de Brasília). Após a audiência, Trump alertou que processar um ex-presidente pode provocar o "caos" nos Estados Unidos. "É muito injusto quando um oponente político é processado pelo (Departamento de Justiça). (...) Eles acham que é assim que vão tentar vencer. E não é assim que as coisas acontecem. Será uma confusão no país", advertiu.

Em 1º de dezembro, a juíza Tanya Chutkan, que presidirá o processo, rejeitou o seu pedido de imunidade, argumentando

Tannen Maury/AFP



que não existe nenhum texto legal que proteja um ex-presidente de processos penais. Os advogados de Donald Trump

argumentam que ele goza de "imunidade absoluta" por ter sido presidente. Eles citam a jurisprudência da Suprema Corte da

década de 1980 sobre ações civis contra o ex-presidente Richard Nixon.

Para Alan Dershowitz, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Harvard e ex-advogado de Trump, o ex-presidente republicano deveria ter imunidade por seus atos no exercício do mandato. "Isso deve valer mesmo para o caso de ele ser processado. A questão difícil é quais atos são presidenciais e quais são políticos", disse ao *Correio*. "Trump provavelmente perderá esse recurso, mas poderá obter uma vitória parcial, caso a Suprema Corte decida revisá-lo."

Dershowitz não descarta confusão em um cenário hipotético.

"Se estados individualmente o removerem da disputa eleitoral, poderemos ter problemas. Mas, a priori, acho que a advertência de Trump é puro simbolismo. Ele também a usa para propósitos políticos", comentou.

Por sua vez, Aziz Huq — professor de direito da Universidade de Chicago — considera que a reivindicação de imunidade por parte do ex-presidente é "fraca". "Não vejo razão para que isso cause confusão, a menos que Trump incite seus seguidores a fazê-lo. O comparecimento no tribunal é um reflexo da tentativa do sistema judicial de exercer o Estado de direito sobre alguém poderoso", explicou à reportagem.